

MANUAL DE APOLOGÉTICA

**ABORDAGENS
INTEGRATIVAS**

PARA A
DEFESA DA
FÉ CRISTÃ

KENNETH D. BOA e
ROBERT M. BOWMAN JR.

Ken Boa é um dos autores e estudiosos mais talentosos do mundo cristão. *Manual de apologética: abordagens integrativas para a defesa da fé cristã* é uma brilhante referência em apologética.

Charles W. Colson, Prison Fellowship, Washington, Distrito de Colúmbia, Estados Unidos.

Um estudo formidável e completo das estratégias apologéticas.

John M. Frame, autor de *Apologética para a glória de Deus* (Cultura Cristã).

Esse livro apresenta um panorama excelente do campo da apologética. Ele faz não apenas um levantamento histórico excelente, mas também examina os diferentes tipos e abordagens sobre o assunto. Trata-se de uma boa introdução à defesa bíblica da fé. Poderia até mesmo ser usado nas aulas de escola dominical para adolescentes e universitários. Seu valor o qualifica também como manual perfeito tanto para a universidade quanto para o seminário. [...] Esse livro me inspirou de tal modo que planejo retomá-lo e estudar seu texto mais detalhadamente. Sob alguns aspectos, pode-se dizer que ele tem praticamente tudo o que queremos saber sobre esse importante campo de estudo.

Mal Couch, Tyndale Seminary.

Extremamente útil.

John Warwick Montgomery, autor de *Faith founded on fact*.

Uma obra magnífica de erudição [...] apresenta uma riqueza de informações para os que queiram se aprofundar em uma área de estudo complexa, a apologética cristã.

Westminster Bookstore Online Reviews.

Com uma vasta pesquisa e inúmeros recursos para o estudo mais detalhado dos problemas teológicos, *Manual de apologética* é leitura obrigatória para quem está em busca de uma defesa com excelentes argumentos sobre a fé em Deus e o cristianismo.

James A. Cox, *Midwest Book Review*.

SUMÁRIO

<i>Lista de quadros e tabelas</i>	13
<i>Prefácio</i>	15

PRIMEIRA PARTE: O QUE É APOLOGÉTICA?

1 Definindo apologética	27
Da <i>apologia</i> à apologética	27
Apologética e termos relacionados.....	30
Funções da apologética.....	31
2 Breve história da apologética	35
Apologética no Novo Testamento.....	36
Os pais da igreja primitiva	42
Agostinho	44
Anselmo	48
Tomás de Aquino.....	51
A Reforma.....	54
A apologética diante do ceticismo.....	55
Ascensão da apologética moderna	57
3 Questões e métodos em apologética	69
Quatro tipos de sistemas apologéticos.....	69
Questões apologéticas.....	76

SEGUNDA PARTE:

APOLOGÉTICA CLÁSSICA: COMPATIBILIDADE COM A RAZÃO

4 Apologetas que privilegiam a razão	87
Raízes históricas da apologética clássica	87
B. B. Warfield	89
C. S. Lewis.....	93

Norman L. Geisler	98
Peter Kreeft	104
William Lane Craig.....	107

5 Apologética clássica: uma fé racional 115

Testes racionais para a demonstração da verdade	115
O fundamento da teologia.....	122
Uso construtivo da filosofia.....	124
O cristianismo é compatível com a ciência	126
Revelação confirmada na história	132
Prova com base na experiência.....	134

6 A racionalidade da cosmovisão cristã 137

A Escritura como conclusão	138
Refutando outras cosmovisões.....	140
Provando a existência de Deus	144
O problema dedutivo do mal.....	153
Milagres como credenciais da revelação.....	157
Jesus: as alternativas	162

7 A apologética e os limites da razão 169

O modelo apologético clássico.....	169
Exemplo de apologética clássica.....	175
Pontos fortes da apologética clássica.....	182
Possíveis pontos fracos da apologética clássica.....	185

TERCEIRA PARTE:

APOLOGÉTICA EVIDENCIALISTA: APENAS OS FATOS

8 Apologetas que privilegiam o fato 195

Raízes históricas do evidencialismo	195
Joseph Butler	199
James Orr	202
Clark H. Pinnock.....	204
John Warwick Montgomery	206
Richard Swinburne	210

9	Apologética evidencialista: fé fundamentada no fato	215
	Métodos de descoberta da verdade	215
	A defesa da teologia	226
	Uso crítico da filosofia	230
	O cristianismo justificado pela ciência	236
	História como meio de revelação	239
	Experiência fundamentada na evidência	242
10	Evidências que exigem um veredito	245
	A Escritura como fonte	245
	A singularidade do cristianismo	251
	Razões a favor de Deus	253
	O problema indutivo do mal	257
	Milagres como evidência de Deus	260
	Jesus: a evidência	265
11	Apologética e interpretação do fato	271
	O modelo evidencialista	271
	Exemplo de evidencialismo	278
	Pontos fortes da apologética evidencialista	284
	Possíveis pontos fracos da apologética evidencialista	288

QUARTA PARTE:

APOLOGÉTICA REFORMADA: DEUS DISSE

12	Apologética que privilegia a revelação	297
	João Calvino	297
	Raízes modernas da abordagem reformada	305
	Herman Dooyeweerd	319
	Cornelius Van Til	322
	Gordon H. Clark	327
	Alvin Plantinga	332
13	Apologética reformada: cristianismo em conflito	345
	Padrão bíblico de definição da verdade	345
	A justificação da teologia reformada	351
	Por uma filosofia cristã	353

O cristianismo contra a falsa ciência..... 356
 A revelação como intérprete da história 365
 O problema da experiência371

14 Levando todo pensamento cativo.....377

A Escritura como fundamento 378
 Antítese entre as religiões cristã e não cristã 382
 Deus como crença básica 389
 O problema teológico do mal 400
 Milagres revelados por Deus..... 404
 Jesus: o Cristo que testemunha de si mesmo na Escritura 407

15 Apologética e autoridade da revelação..... 409

O modelo apologético reformado..... 409
 Exemplo do modelo reformado de apologética 416
 Pontos fortes da apologética reformada..... 423
 Possíveis pontos fracos da apologética reformada 426

QUINTA PARTE:

APOLOGÉTICA FIDEÍSTA: SOMENTE PELA FÉ

16 Apologetas que privilegiam a fé..... 435

Raízes históricas do fideísmo 438
 Martinho Lutero 439
 Blaise Pascal 442
 Søren Kierkegaard 447
 Karl Barth 455
 Donald G. Bloesch..... 465

17 Apologética fideísta: as razões do coração.....473

Chamado divino para a obediência à verdade..... 473
 Tornando a teologia pessoal 480
 Crítica ao Deus dos filósofos 484
 O cristianismo e a realidade além da ciência 487
 A revelação que transcende a história..... 490
 Fé é experiência..... 498

18	Conclamando as pessoas para um encontro com Deus em Jesus Cristo	501
	A Escritura como testemunha.....	501
	A fé cristã não é só mais uma religião.....	505
	Conhecer a Deus é saber que Deus existe.....	510
	O problema pessoal do mal.....	513
	Milagres como autorrevelação de Deus	515
	Jesus: o Cristo da fé.....	517
19	A apologética e a subjetividade da fé	521
	O modelo fideísta	521
	Exemplo de fideísmo	525
	Pontos fortes do fideísmo.....	531
	Pontos fracos do fideísmo	532
 SEXTA PARTE:		
ABORDAGENS INTEGRATIVAS DE APOLOGÉTICA		
20	Apologetas que privilegiam abordagens integrativas	539
	Precursos dos sistemas integrativos	539
	Edward John Carnell	542
	Francis A. Schaeffer.....	554
	David K. Clark.....	573
	C. Stephen Evans	580
	John M. Frame	595
21	Pelejando pela fé: apologética e conhecimento humano	609
	Sistemas perspectivistas de defesa da verdade.....	610
	Apologética e teologia.....	620
	Apologética e filosofia.....	623
	Cristianismo e ciência.....	624
	Revelação e história.....	625
	Apologética e experiência	627
22	Razões da esperança: integrando argumentos diversos à apologética	629
	A Escritura como verdade	629

Mito, verdade e religião	631
O Deus que se dá a conhecer	632
Soluções para os problemas do mal	635
Milagres como sinais	636
Jesus: a resposta.....	638
23 Falando a verdade em amor: perspectivas apologéticas	641
Um corpo, muitos dons: diferenças entre apologetas.....	641
Um mundo, muitos indivíduos: diferenças entre as pessoas	643
Um processo, muitas etapas: diferenças entre as necessidades apologéticas	644
Uma fé, muitas questões: diferenças entre os problemas apologéticos.....	646
<i>Posfácio</i>	653
<i>Apêndice: classificação dos métodos apologéticos</i>	655
<i>Bibliografia</i>	663
<i>Índice remissivo</i>	709
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	725

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Modelos de apologética	21
Implicações meta-apologéticas.....	21
Implicações apologéticas	22
Resumo e exemplo	22
3.1 Apologética: quatro perspectivas.....	73
6.1 Cosmovisões	142
6.2 Argumento cosmológico <i>kalām</i>	150
6.3 Quintilema: cinco interpretações sobre Jesus	163
7.1 Modelo clássico de apologética	174
7.2 Apologética clássica: pontos fortes e possíveis pontos fracos	191
10.1 Evidências cósmicas e geológicas do design	257
11.1 Modelo evidencialista de apologética	277
11.2 Apologética evidencialista: pontos fortes e possíveis pontos fracos.....	292
12.1 Religião verdadeira e falsa nas <i>Institutas</i> de Calvino.....	299
12.2 Pressuposicionalismo: Van Til <i>versus</i> Clark.....	332
15.1 Modelo reformado de apologética	417
15.2 Apologética reformada: pontos fortes e possíveis pontos fracos.....	431
18.1 Modelo fideísta de apologética.....	524
18.2 Fideísmo: pontos fortes e pontos fracos.....	535
20.1 Argumento teísta de Schaeffer	560
20.2 “Linha do desespero” de Schaeffer.....	566
20.3 Frame: três perspectivas do conhecimento humano	597
20.4 Frame: três perspectivas do senhorio de Deus.....	604
21.1 Perspectivas transcendentais e imanentes do conhecimento	611
22.1 Quatro perspectivas sobre a Escritura.....	630
22.2 Quatro perspectivas sobre a singularidade do cristianismo	631

22.3	Quatro perspectivas de argumentos para a existência de Deus	632
22.4	Quatro perspectivas sobre o argumento ontológico	634
22.5	Quatro perspectivas sobre o problema do mal.....	636
22.6	Quatro perspectivas sobre milagres	637
22.7	Quatro perspectivas sobre Jesus Cristo e apologética.....	638
23.1	Dúvidas comuns da incredulidade à fé e possíveis respostas	645
23.2	Etapas em direção à fé e abordagens dominantes correspondentes	646
23.3	Diferentes abordagens para diferentes questões (usando os milagres).....	647
23.4	Meta-apologética: quatro abordagens	648
23.5	Apologética: quatro abordagens.....	649
	Quatro abordagens: quadro comparativo	662

PREFÁCIO

Saber como relacionar a cosmovisão cristã com o mundo não cristão tem sido o desafio de porta-vozes do cristianismo desde que o apóstolo Paulo lidou com os filósofos estoicos e epicureus em Atenas. Vinte séculos de experiência não tornaram essa tarefa mais simples, já que surgiram novos desafios a cada século, assim como novos métodos e abordagens de defesa da fé cristã foram formulados para respondê-los.

Neste manual introdutório à apologética cristã, o estudo da defesa da fé, você será apresentado a uma discussão que dura dois milênios. Ouvirá os grandes apologetas de todos os tempos respondendo aos ataques intelectuais à Bíblia em sua época. Você fará uma viagem guiada pelas quatro principais abordagens apologéticas surgidas nos últimos duzentos anos. No caminho, encontrará respostas ponderadas a indagações como:

- Por que a crença em Deus é racional apesar do predomínio do mal no mundo?
- Que fatos respaldam o testemunho da igreja de que Jesus ressuscitou dos mortos?
- É possível ter certeza de que o cristianismo é verdadeiro?
- Como nossa fé em Cristo pode ter como fundamento algo mais seguro do que nossa própria compreensão sem resvalarmos para o emocionalismo irracional?

Os principais apologetas cristãos guardam entre si, no mínimo, diferenças teóricas e de método que os distinguem de forma substancial. Ao mesmo tempo, muitos deles recorrem a uma variedade de métodos e não se enquadram muito bem em uma única teoria “padronizada” de defesa da fé cristã. Neste livro, identificaremos quatro “abordagens” ou tipos idealizados de metodologia empregada na apologética cristã. Examinaremos os próprios argumentos apologéticos dos principais apologetas e como seus métodos se relacionam com as abordagens idealizadas. Analisaremos a seguir a obra

de apologetas que defenderam objetivamente a integração de duas ou mais dessas abordagens básicas. Nosso objetivo consiste em contribuir com o entendimento desses diferentes métodos apologeticos, que enriquecerão o cristão em sua defesa da fé e o capacitarão a falar com voz mais clara e mais relevante aos dias de hoje e além.

SARAH E MURALI

Embora a apologética como disciplina intelectual busque formular respostas para questões que, por vezes, pareçam abstratas, seu propósito, em última análise, consiste em facilitar a relação de pessoas reais com o Deus vivo e verdadeiro. Neste livro, apresentaremos de que maneira vários métodos apologeticos poderiam ser aplicados no diálogo com dois indivíduos hipotéticos muito diferentes: Sarah e Murali.

Sarah está no segundo ano da faculdade e quer se especializar em psicologia em uma universidade estadual. Criada num lar protestante conservador, ela começou a questionar a fé de sua infância no ensino médio, na medida em que o cristianismo começou a lhe parecer uma religião severa e indiferente. No primeiro ano da universidade, fez cursos introdutórios em filosofia, psicologia e literatura inglesa que lançaram dúvidas sobre as crenças e valores cristãos. Seu professor de filosofia se empenhou especialmente em ridicularizar o “fundamentalismo”, tendo investido contra a cosmovisão cristã em sua raiz. Sarah constatou que o “problema do mal” — isto é, por que um Deus bom e todo-poderoso permitiria tanto mal no mundo — era um argumento bastante forte contra o cristianismo. Ela foi exposta também a teorias da crítica bíblica que negavam a exatidão histórica da Bíblia e reinterpretavam os milagres bíblicos aos quais chamavam de mitos. Ao voltar para casa no verão depois do primeiro ano de universidade, ela havia se transformado numa cética confessa.

Murali chegou aos Estados Unidos oriundo da Índia para fazer medicina e acabou ficando no país, onde abriu um consultório. Embora tivesse sido criado no hinduísmo e ainda respeitasse a religião de sua família, Murali não era muito devoto. Incomodado com séculos de conflitos entre hindus e muçulmanos no subcontinente indiano, ele chegou à conclusão de que todas as religiões são basicamente boas e nenhuma deveria ser considerada superior à outra. As declarações religiosas de caráter absoluto são para ele improváveis e intolerantes, e se ressentia dos esforços de muçulmanos e de

cristãos que tentam convertê-lo, ou à sua família, à sua respectiva fé. Embora as religiões falem de Deus e seus adeptos vivenciem o transcendente de diferentes maneiras, ele acredita que tudo, na verdade, é a mesma coisa. Quando muçulmanos ou cristãos tentam convencê-lo de que sua religião é a verdade, Murali lhes pergunta por que Deus permitiu que tantas religiões prosperassem se apenas uma delas é aceitável para Deus.

No decorrer do livro, indagaremos de tempos em tempos de que modo um defensor preparado e perspicaz de uma abordagem apologética específica responderia a Sarah e Murali. Assim, veremos como os vários métodos apologéticos podem ser aplicados a situações concretas. Analisaremos seus pontos fracos e fortes. Isso nos ajudará a refletir sobre o modo pelo qual os diferentes métodos apologéticos podem ser integrados, de tal forma que sejam mais eficazes na defesa da fé.

Para a apologética, é fundamental responder a questões frequentemente levantadas pelos não cristãos sobre a verdade do cristianismo. Embora muitas dessas indagações sejam tratadas neste livro, nós nos concentraremos naquelas que são básicas e cruciais para a validade da fé cristã. Essas perguntas são parte da postura descrente tipificada por nossos paradigmas de não cristãos, Sarah e Murali. As perguntas são as seguintes:

1. Por que deveríamos acreditar na Bíblia?
2. Todas as religiões não levam a Deus?
3. Como sabemos se Deus existe?
4. Se Deus existe, por que ele permite o mal?
5. Os milagres da Bíblia não são mitos ou lendas espirituais em vez de fatos literais?
6. Por que eu deveria acreditar no que os cristãos dizem sobre Jesus?

TOM, JOE, CAL E MARTINA

Neste livro, analisaremos quatro abordagens apologéticas básicas. Insistimos novamente que se trata de tipos idealizados. Ao analisarmos efetivamente a obra de apologetas cristãos, observamos que há muito mais do que quatro abordagens. Contudo, a maior parte dos métodos que os cristãos usam em apologética está intimamente relacionada com uma dessas quatro abordagens. Podemos imaginá-los como “famílias” de abordagens apologéticas, em que aquelas classificadas como de mesmo tipo partilham certas “semelhanças

familiares” umas com as outras. A filiação a uma família não impede outras semelhanças com uma família distinta. Nossa análise das abordagens apologéticas divididas nestes quatro tipos encontra paralelo próximo em uma análise que se debruçou sobre outros tipos principais de apologética, embora com algumas diferenças de menor grau (veja o Apêndice).

O que diferencia essas quatro abordagens apologéticas básicas? Em termos muito simples, cada uma delas prioriza de forma específica a razão, o fato, a revelação e a fé, respectivamente. Nas histórias de Sarah e Murali, que usaremos como exemplos, também mostraremos quatro cristãos que usarão as quatro abordagens de maneira representativa. Por motivos que ficarão claros no fim da primeira parte, chamaremos esses quatro apologetas de Tom (em alusão a Tomás de Aquino, teólogo do século 13), Joe (em alusão a Joseph Butler, bispo anglicano do século 18), Cal (em alusão a João Calvino, reformador francês do século 16) e Martina (em alusão a Martinho Lutero, reformador alemão do século 16). A abordagem apologética de Tom enfatiza fortemente a lógica, e é chamada de *apologética clássica*. A abordagem de Joe prioriza os fatos ou evidências, e é chamada de *evidencialismo*. A abordagem de Cal privilegia a autoridade da revelação divina na Escritura; por causa de sua identificação muito próxima com a teologia calvinista ou reformada, essa abordagem é chamada aqui de *apologética reformada*. Por fim, a abordagem de Martina enfatiza a necessidade da fé pessoal, e por isso nos referiremos a ela aqui como *fideísmo* (lat., *fide*, “fé”). Essas são diferenças em ênfase ou prioridade, uma vez que os apologetas, ao favorecerem uma abordagem em detrimento da outra, geralmente atribuem um papel à razão, aos fatos, à revelação e à fé. (Até mesmo o fideísmo, que geralmente vê com suspeita o argumento apologético, propõe um tipo de apologética que recorre à razão e ao fato.)

As quatro abordagens divergem quanto ao método ou teoria apologética das seis questões que se seguem, e que serão discutidas neste livro em conexão com cada uma das quatro perspectivas:

1. Com base em que dizemos que o cristianismo é a verdade?
2. Qual é a relação entre apologética e teologia?
3. A apologética deveria se ocupar da defesa filosófica da fé cristã?
4. Pode-se usar a ciência para defender a fé cristã?
5. A investigação histórica respalda a fé cristã?
6. De que maneira nosso conhecimento da verdade cristã se relaciona com nossa experiência?

Embora cada abordagem responda de maneira diferente às perguntas acima, as respostas não se excluem necessariamente. Na prática, muitos apologetas não se enquadram com perfeição em uma das quatro categorias porque trazem consigo alguma coisa de duas ou mais abordagens para responder a essas perguntas sobre apologética. Vemos esse fato como uma tendência saudável. Na verdade, diremos que as quatro abordagens têm valor e devem aparecer associadas o máximo possível.

O PLANO DO LIVRO

Este livro está dividido em seis partes. A primeira parte apresenta o assunto da obra, a apologética, e faz uma análise do pensamento dos principais apologetas da história da igreja. Traz ainda um panorama das quatro abordagens apologéticas básicas.

Entre a segunda e a quinta partes, encontram-se análises paralelas de cada uma das quatro abordagens. Cada parte é dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo de cada parte descreve as raízes da abordagem apologética e introduz o pensamento de cinco grandes apologetas (capítulos 4, 8, 12 e 16). Esses cinco apologetas estão associados à abordagem ou tipo idealizado de diferentes maneiras: alguns são precursores da abordagem em questão conforme ela emergiu nos tempos modernos; outros são defensores de uma forma “pura” dessa abordagem e outros ainda defendem variações significativas dela. O segundo capítulo analisa o método e sua perspectiva das seis questões expostas acima no que diz respeito ao conhecimento, à teologia, à filosofia, à ciência, à história e à experiência (5, 9, 13 e 17). O terceiro capítulo analisa as respostas do método às seis questões relativas à Escritura, outras religiões, Deus, o mal, milagres e Jesus (6, 10, 14 e 18). O quarto capítulo de cada parte resume o método e o exemplifica com amostras de diálogos entre nossos dois não cristãos fictícios e um dos quatro apologetas cristãos paradigmáticos (7, 11, 15 e 19). Cada um dos capítulos posteriores discute também os principais pontos fortes e fracos da abordagem apologética exemplificada no diálogo.

Por fim, a sexta parte discute maneiras de integrar as quatro abordagens básicas. Sua estrutura é bem próxima da estrutura que se estende da segunda parte à quinta. Começa, portanto, com um capítulo que apresenta os precursores de uma estratégia de integração e introduz o pensamento de cinco apologetas modernos que propuseram ou recorreram a esses sistemas

integrativos (capítulo 20). Esses cinco apologetas integram as quatro abordagens de diferentes maneiras, sendo que uma abordagem geralmente predomina até certo ponto. Os dois capítulos seguintes apresentam estratégias de integração que permitam compreender a relação da apologética com teorias do conhecimento, com a teologia, filosofia, ciência, história e experiência (21), e que respondam às seis perguntas relativas à Escritura e a outras religiões, a Deus, ao mal, aos milagres e a Jesus (22). *Não* estamos advogando aqui uma “quinta abordagem” ou propondo um sistema integrado próprio que substitua ou suplante outros sistemas apologéticos. Pelo contrário, estamos encorajando os cristãos a usarem qualquer método ou métodos que considerem úteis e que enriqueçam, ao mesmo tempo, sua defesa da fé mediante a aprendizagem com apologetas favoráveis a outras abordagens. O último capítulo defende uma pluralidade de métodos apologéticos em vista das diferenças entre apologetas e não cristãos, as diferentes necessidades que as pessoas têm e as diferentes perguntas que fazem (23). A tabela a seguir mostra o plano geral do livro da segunda até a sexta parte.

Esta edição de *Manual de apologética: abordagens integrativas para a defesa da fé cristã* foi feita com base na segunda edição em inglês. Sempre que possível, recorreremos a publicações mais recentes de apologetas vivos e registramos a existência de estudos recentes sobre apologetas e questões apologéticas. Nas resenhas à primeira edição, foram várias as críticas perspicazes que levamos em conta. Talvez seja impossível, até mesmo em um livro deste porte, lidar com um grupo tão grande de pensadores e de questões tão diversas sem cair na simplificação e até na omissão de alguns aspectos importantes do tema. Encorajamos você a usar este livro como uma *introdução* ao campo da apologética, um manual cuja leitura o apresentará a apologetas inovadores do passado e do presente.

Oramos para que este livro lhe seja útil para “[santificar] a Cristo como Senhor no coração, [estando] sempre preparados para responder a qualquer que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês. Contudo, [fazendo] isso com mansidão e respeito” (1Pe 3.15-16a).

MODELOS DE APOLOGÉTICA				
Que privilegia a razão	Que privilegia os fatos	Que privilegia a revelação	Que privilegia a fé	Que privilegia a integração
Raízes	Raízes	João Calvino	Raízes	Precusores
B. B. Warfield	Joseph Butler	Raízes modernas	Martinho Lutero	Edward J. Carnell
C. S. Lewis	James Orr	Herman Dooyeweerd	Blaise Pascal	Francis A. Schaeffer
Normal L. Geisler	Clark H. Pinnock	Cornelius Van Til	Søren Kierkegaard	David K. Clark
Peter Kreeft	John Warwick Montgomery	Gordon H. Clark	Karl Barth	C. Stephen Evans
William Lane Craig	Richard Swinburne	Alvin Plantinga	Donald G. Bloesch	John M. Frame

IMPLICAÇÕES META-APOLOGÉTICAS				
Razão	Fatos	Revelação	Fé	Integração
Testes racionais para determinação da verdade	Métodos de descoberta da verdade	Padrão bíblico de definição da verdade	Chamado divino para a obediência à verdade	Sistemas perspectivistas de defesa da verdade
O fundamento da teologia	A defesa da teologia	Justificação da teologia	Tornando a teologia pessoal	Apologética e teologia
Uso construtivo da filosofia	Uso crítico da filosofia	Por uma filosofia cristã	Crítica ao Deus dos filósofos	Apologética e filosofia
O cristianismo é compatível com a ciência	O cristianismo é justificado pela ciência	O cristianismo contra a falsa ciência	Cristianismo e a realidade além da ciência	Cristianismo e ciência
Revelação confirmada na história	História como meio de revelação	Revelação como intérprete da história	Revelação que transcende a história	Revelação e história
Prova com base na experiência	Experiência fundamentada na evidência	O problema com a experiência	Fé é experiência	Apologética e experiência

IMPLICAÇÕES APOLOGÉTICAS				
Razão	Fatos	Revelação	Fé	Integração
A Escritura como conclusão	A Escritura como fonte	A Escritura como fundamento	A Escritura como testemunha	A Escritura como verdade
Refutação de outras cosmovisões	A singularidade do cristianismo	Antítese entre as religiões cristã e não cristã	A fé cristã não é só mais uma religião	Mito, verdade e religião
Provando a existência de Deus	Razões a favor de Deus	Deus como crença básica	Conhecer a Deus é saber que Deus existe	O Deus que se dá a conhecer
O problema dedutivo do mal	O problema indutivo do mal	O problema teológico do mal	O problema pessoal do mal	Soluções para os problemas do mal
Milagres como credenciais da revelação	Milagres como evidência de Deus	Milagres revelados por Deus	Milagres como autorrevelação de Deus	Milagres como sinais
Jesus: as alternativas	Jesus: as evidências	Jesus: autotestemunho	Jesus: o Cristo da fé	Jesus: a resposta

RESUMO E EXEMPLO				
Razão	Fatos	Revelação	Fé	Integração
Modelo clássico	Modelo evidencialista	Modelo reformado	Modelo fideísta	Um corpo, muitos dons: apologetas
Exemplo de apologética clássica: Tom, Sarah e Murali	Exemplo de evidencialismo: Joe, Sarah e Murali	Exemplo de apologética reformada: Cal, Sarah e Murali	Exemplo do modelo fideísta: Martina, Sarah e Murali	Um mundo, muitos indivíduos: pessoas
Pontos fortes ▪ Afirma a aplicabilidade universal da razão	Pontos fortes ▪ Reconhece que não se pode evitar a probabilidade nos argumentos apologéticos	Pontos fortes ▪ Constitui uma relação próxima entre apologética e teologia	Pontos fortes ▪ Enfatiza a dimensão pessoal de Deus e de sua revelação	Um processo, muitas etapas: necessidades

RESUMO E EXEMPLO CONT.				
Razão	Fatos	Revelação	Fé	Integração
<p>Pontos fortes</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Desperta a consciência para o papel inevitável das cosmovisões ▪ Reconhece a existência de um território comum com o não cristão 	<p>Pontos fortes</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Usa métodos de investigação que atraem com frequência os não cristãos ▪ Enfatiza a importância da evidência factual para o cristianismo 	<p>Pontos fortes</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Inculca a consciência de fatores epistemológicos na crença ▪ Apresenta forte desafio racional à descrença 	<p>Pontos fortes</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leva a sério as limitações da razão e do conhecimento humanos ▪ Centraliza o testemunho cristão apoloético em Cristo 	<p>Um processo, muitos estágios: necessidades</p>
<p>Pontos fracos</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Superestima o papel da razão como critério da verdade ▪ Depende de argumentos teístas de validade e de valor discutíveis ▪ Não trata das dimensões pessoais do conhecimento e da fé 	<p>Pontos fracos</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Não propicia o contexto de visão de mundo necessário à avaliação da probabilidade ▪ Tem pressupostos ocultos na aplicação dos métodos que utiliza ▪ Diminui o papel dos fatores pessoais que afetam a compreensão dos fatos 	<p>Pontos fracos</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pressupõe uma forma dogmática restrita de calvinismo ▪ Subestima o valor do argumento empírico na apoloética ▪ Limita o apologeta a uma abordagem restritiva e abstrata 	<p>Pontos fracos</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Confronta o pessoal com o proposicional ▪ Subestima o papel da razão e do conhecimento na fé ▪ Subestima desnecessariamente a confiança na Bíblia 	<p>Uma fé, muitas perguntas: problemas</p>

PRIMEIRA PARTE

O QUE É APOLOGÉTICA?

DEFININDO APOLOGÉTICA

Pode se definir apologética simplesmente como a defesa da fé cristã. A simplicidade dessa definição, porém, mascara a complexidade do problema que é definir a apologética. Ocorre que, para definir o significado, o alcance e o propósito da apologética, recorreu-se a uma infinidade de abordagens.

DA APOLOGIA À APOLOGÉTICA

O termo “apologética” deriva da palavra grega *apologia*, que era originalmente usada em referência a um discurso de defesa ou resposta dada como réplica. Na antiga Atenas, o termo fazia referência a uma defesa feita no tribunal como parte de um processo judicial normal. Depois da denúncia, o réu podia refutar as acusações por meio de uma defesa ou resposta (*apologia*). O acusado tentaria “afastar pela fala” (*apo* — afastamento, *logia* — discurso) a acusação.¹ O exemplo clássico de *apologia* é a defesa de Sócrates acusado de pregar deuses estranhos. A história foi contada por seu aluno mais famoso, Platão, no diálogo chamado *A apologia* (em gr., *Hē apologia*).²

A palavra aparece dezessete vezes como substantivo ou verbo no Novo Testamento, e tanto o substantivo (*apologia*) quanto o verbo (*apoleogeomai*) podem ser traduzidos como “defesa” ou “justificação” em todos os casos. Geralmente, a palavra é usada para se referir a um discurso feito em defesa própria. Por exemplo, em uma passagem, Lucas diz que um judeu chamado Alexandre tentou “apresentar uma defesa” perante uma multidão irada em Éfeso incitada pelos fabricantes de ídolos, cujo negócio estava ameaçado pela pregação de Paulo (At 19.33). Em outra parte, Lucas sempre usa a palavra em referência a situações em que os cristãos e, de modo especial, o apóstolo Paulo, são levados a julgamento por proclamarem sua fé em Cristo e têm de defender sua mensagem contra acusação de ilegalidade (Lc 12.11; 21.14; At 22.1; 24.10; 25.8,16; 26.2,24).

¹Martin Batts, “A summary and critique of the historical apologetic of John Warwick Montgomery” (dissertação de mestrado em teologia, Dallas Theological Seminary, 1977), p. 1.

²Publicado em português por Edipro sob o título *A apologia de Sócrates*.

O próprio Paulo usou a palavra em diversos contextos em suas epístolas. Escrevendo aos coríntios, ele considerou necessário se “defender” de quem o criticava por se declarar apóstolo (1Co 9.3; 2Co 12.19). A certa altura, ele descreve o arrependimento demonstrado pelos coríntios como “vindicação” (2Co 7.11, NASB), isto é, “desejo de se purificar” (NIV, NRSV). Aos romanos, Paulo descreveu os gentios, que não tinham a Lei escrita, como indivíduos que tinham ciência o suficiente da lei de Deus, e que, dependendo de seu comportamento, seus próprios pensamentos os condenariam ou “defenderiam” no dia do juízo (Rm 2.15). Perto do fim da vida, Paulo disse a Timóteo: “Na minha primeira *defesa*, ninguém me ajudou” (2Tm 4.16), referindo-se à primeira vez em que foi julgado. O uso que Paulo faz aqui é semelhante ao que encontramos nos escritos de Lucas. Mais cedo, ele havia manifestado gratidão aos filipenses por apoiá-lo “tanto nas minhas prisões quanto na *defesa* e na confirmação do evangelho” (Fp 1.7). Aqui, mais uma vez, o contexto é o conflito de Paulo com o governo e sua prisão. Contudo, a prioridade da “defesa” não é Paulo, mas “o evangelho”: em seu ministério, entre outras coisas, Paulo defendia o evangelho contra seus detratores, especialmente os que diziam que ele era subversivo ou, de algum modo, contrário à lei. Assim, Paulo diz mais tarde no mesmo capítulo: “Fui posto aqui para a *defesa* do evangelho” (Fp 1.16).

Por fim, em 1Pedro 3.15 os crentes aprendem que devem estar sempre preparados “para responder a todo o que vos pedir a razão da esperança que há em vós”. O contexto aqui é semelhante às cartas posteriores de Paulo e aos escritos de Lucas: os não cristãos estão difamando o comportamento dos cristãos e os ameaçam com perseguição (1Pe 3.13-17; 4.12-19). Quando desafiado ou mesmo ameaçado, o cristão deve se comportar conforme a lei e manter uma boa consciência, bem como fazer a defesa racional sobre o que acredita a qualquer um que o interrogue. (Discutiremos esse texto mais adiante no capítulo 2.)

O Novo Testamento, portanto, não usa as palavras *apologia* e *apologeomai* no sentido técnico do termo moderno *apologética*. A ideia de propor uma defesa racional da fé fica evidente em três desses textos (Fp 1.7,16; e esp. 1Pe 3.15), mas mesmo aqui não está se pensando em nenhuma ciência ou disciplina acadêmica formal de apologética. De fato, o Novo Testamento não apresenta nenhum sistema ou teoria específicos de apologética.

No segundo século, o termo geral para “defesa” começou a tomar um sentido mais limitado para se referir a um grupo de autores que defendia as